

Abordagem discursiva das representações sociais de gênero e religião em movimentos anti-gênero na educação

Clarissa De Franco*

Resumo

Esta investigação teve como objetivo a análise psicossocial de discursos favoráveis e contrários ao debate de gênero e sexualidade na educação nos movimentos Escola Sem Partido e *Con Mis Hijos No Te Metas*. A análise considerou o papel da narrativa religiosa. Os discursos foram coletados em mídias sociais ligadas aos movimentos e a metodologia integrou análise crítica de discurso e teoria das representações sociais. Os resultados apontaram representações sociais emancipadas e hegemônicas, com forte adesão a duas narrativas de controle sobre a sexualidade indicadas por Foucault (2015): “psiquiatrização do prazer perverso” e “pedagogização da sexualidade das crianças”. Os discursos que apoiam os movimentos mostraram-se defensores dos binarismos de gênero, do conceito de família tradicional e com representações negativas em relação ao feminismo e ao aborto. As narrativas religiosas reforçaram as dicotomias, atualizando o debate para a imagem dicotômica entre Deus e Diabo.

Palavras-chave: representações sociais; gênero, religião e educação; análise crítica de discurso.

Discursive approach to social representations of gender and religion in anti-gender movements in education

Abstract

This investigation aimed at the psychosocial analysis of discourses in favor and against the debate of gender and sexuality in education in the Escola Sem Partido and Con Mis Hijos No Te Metas movements. The analysis considered the role of religious narrative. The discourses were collected in social media linked to the movements and the methodology integrated critical discourse analysis and the theory of social representations. The results pointed to emancipated and hegemonic social representations, with strong adhesion of people linked to the movements to two narratives of control over sexuality indicated by Foucault (2015): “psychiatrization of perverse pleasure” and “pedagogization of children’s sexuality”. The speeches that support the movements proved to be defenders of gender binarisms, of the concept of the traditional family and with negative representations in relation to feminism and abortion. Religious narratives reinforced the dichotomies, updating the debate to the dichotomous image between God and Devil.

Keywords: social representations; gender, religion and education; critical discourse analysis.

Aproximación discursiva a las representaciones sociales de género y religión en los movimientos antigénero en educación

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo el análisis psicossocial de los discursos a favor y en contra del debate de género y sexualidad en la educación en los movimientos Escola Sem Partido y Con Mis Hijos No Te Metas. El análisis consideró el papel de la narrativa religiosa. Los discursos fueron recogidos en medios sociales vinculados a los movimientos y la metodología integró el análisis crítico del discurso y la teoría de las representaciones sociales. Los resultados apuntaron representaciones sociales emancipadas y hegemónicas, con fuerte adhesión a dos narrativas de

* Universidade Metodista de São Paulo. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Psicóloga, doutora em Psicologia e em Ciências da Religião, com Pós-Doutorado em Estudos de Gênero. abordagem discursiva das representações sociais de gênero e religião em movimentos anti-gênero na educação. clarissa.franco@metodista.br .

control sobre la sexualidad (Foucault, 2015): “psiquiatrización del placer perverso” y “pedagogización de la sexualidad infantil”. Los discursos que sustentan los movimientos resultaron ser defensores de los binarismos de género, de la familia tradicional y con representaciones negativas del feminismo y aborto. Las narrativas religiosas reforzaron las dicotomías, actualizando el debate a la imagen dicotómica entre Dios y el Diablo.

Palabras clave: representaciones sociales; género, religión y educación; análisis crítico del discurso.

Introdução

Esta investigação teve como objetivo principal analisar cem discursos favoráveis e contrários ao debate de gênero e sexualidade nas escolas e planos de educação nos movimentos latinos Escola Sem Partido e *Con Mis Hijos No Te Metas*, considerando o papel da narrativa religiosa neste contexto, que se mostrou focada no universo cristão conservador e reacionário. Os discursos foram coletados em mídias sociais, como Facebook, Instagram e Twitter, e documentos públicos ligados aos dois movimentos.

Com uma metodologia que integra análise crítica de discurso, ligada a Michel Foucault (2015), e teoria das representações sociais, associada a Serge Moscovici, utilizamos como categorias de análises as quatro grandes narrativas apontadas por Foucault (2015) como dispositivos sociais de controle sobre a sexualidade: 1) psiquiatrização do prazer perverso, 2) pedagogização da sexualidade das crianças, 3) socialização das condutas de procriação, e 4) histerização do corpo da mulher, explicados ao longo do texto. Além destes elementos, discursos com conteúdo religioso foram articulados com a categorização inicial.

Contextualizando o problema da pesquisa, identificamos que as políticas de educação sexual e de gênero, estruturadas em sua maioria a partir dos anos 2000, acompanharam uma tendência mundial que vinha desde a década de 1990 de reformulação da compreensão de gênero e de novas diretrizes internacionais para gênero e sexualidade, contemplando as demandas dos grupos LGBTQIA+ e possibilitando uma visão inclusiva e despatologizada das sexualidades e identidades de gênero não tradicionais. Nesse contexto, países de formação marcadamente cristã, como é o caso dos países da América Latina, viveram movimentos de reação de setores conservadores e de grupos religiosos cristãos, incomodados com o que percebiam como ameaça às perspectivas de família tradicional. A concepção cristã conservadora de gênero é pautada na gênese bíblica, que indica que Deus teria criado o macho e a fêmea, tendo a mulher sido feita da costela do homem. A partir desta concepção, os papéis dos homens e das mulheres estariam pautados em sua biologia de macho e fêmea e pré-determinados pelo modo de sua concepção, tendo a mulher o papel de complemento ou auxílio ao homem, portanto um papel subjugado e secundário.

Em nossa investigação, as tensões ligadas aos binarismos de gênero, patologização dos grupos LGBTQIA+, defesa da família tradicional, ódio ao feminismo e ao aborto foram identificados no campo discursivo, que foi abordado analisando as representações sociais, alianças do discurso, estratégias discursivas, vontade de verdade (desejos e intenções do discurso) e temas da educação sexual.

1. Aspectos teóricos

As representações sociais sobre gênero e sexualidade em diferentes países, classes profissionais e sociais, variadas faixas etárias, etnias e gênero têm correspondido a um mesmo conjunto de visões, opiniões e discursos, aos quais a literatura identifica como estereótipos de gênero. A teoria das representações sociais tem como precursores os psicólogos sociais Serge Moscovici (1978) e Denise Jodelet (2001) e ocupa-se do processo de construção do conhecimento de indivíduos e grupos a partir de sua inscrição social, operando mais fortemente no nível do senso comum, que perpassa o sistema de percepções, crenças, opiniões e argumentos que estruturamos a partir do coletivo e em devolução a ele. Trata-se, portanto, de um campo que reflete sobre a organização social das mentalidades, do pensamento e dos registros simbólicos, sem perder de vista o indivíduo.

Angela Arruda (2002) chama atenção para o fato de que a teoria das representações sociais sofreu influência dos movimentos sociais que eclodiram na década de 1960 e dos atores sociais que passaram a explicitar “energicamente suas demandas” (Arruda, 2002, p. 129). Ela indica ser um corpo teórico adequado ao tratamento de temas de diversidade, como gênero, pois: “a teoria das representações sociais (...) operacionaliza um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade.” (Arruda, 2002, p. 129).

Moscovici (1979; 2006) fala ainda em representações sociais hegemônicas, controversas e emancipadas, categorias que sugerem, respectivamente: representações que são encontradas de maneira hegemônica em membros de um grupo; representações geradas a partir de conflitos, e representações sociais compartilhadas por pessoas de diferentes grupos que estão em contato.

Em nosso trabalho, o conteúdo das representações sociais dos discursos foi investigado por meio de análise

crítica de discurso, uma abordagem francesa que tem como principal representante Michel Foucault (1996; 2016). A análise crítica do discurso ou análise foucaultiana, assim como a psicologia discursiva, procura padrões na linguagem, no entanto, amplia o leque de análise, pautando-se na interação social, nas relações de poder estabelecidas e reproduzidas por meio do discurso e nas formas de normatização das subjetividades provocadas pelo ato discursivo (Van Dijk, 2008; Valentim, 2018). A estrutura discursiva está nas bases das representações sociais, e sua análise pode identificar jogos relacionais de poder, que incluem conflitos, alianças, exclusões.

Valentim (2018, p. 218) coloca que “diferentemente da psicologia discursiva, a análise crítica do discurso vai além dos contextos imediatos da comunicação interpessoal e coloca questões sobre as formas de subjetivação provocadas pelo discurso”. O autor também lembra que “em contraste com o naturalismo das definições essencialistas, a análise dos discursos procura perceber o movimento e a dinâmica dos processos sociais nas consolidações de sentido que foram sendo sedimentadas”. (Valentim, 2018, p. 218).

Ao utilizar o trabalho de análise de discursos dentro da teoria das representações sociais, compreendemos que, assim como postulou Maria Cecília Minayo (2007), as palavras são dotadas de ideologia, sendo “uma produção histórica e arena onde se confrontam interesses contraditórios” (Minayo, 2007, p. 238). O discurso, na teoria das representações sociais, pode ser compreendido como uma dimensão da prática social e como o “locus em que os sujeitos/as produzem representações sociais ao longo de suas histórias de vida, compartilhando (...) valores e atitudes frente aos objetos do mundo”. (Irineu, 2019, p. 9).

2. Estado da Arte

No campo psicossocial, a investigação de Berger, et al. (2008) apresenta as representações sociais de 5189 professores/as de 12 países da Europa, África e Oriente Médio. Para esta investigação, foram utilizadas 35 questões que envolviam temas como aborto, casamento homoafetivo, hormônios, HIV. O objetivo foi estudar as representações e práticas sociais focadas em temas vinculados à educação sexual. Os resultados mostraram que os valores pessoais dos/as professores/as influenciam em suas concepções sobre a educação sexual, indicando que quando o/a professor/a tem um alto nível de crença, em geral não concorda com a igualdade entre homens e mulheres, direitos homossexuais, aborto, além de não concordar com educação sexual antes dos 15 anos.

No campo da análise crítica de discurso foucaultiana, destacamos o trabalho de De Oliveira, Pereira Alberto e Borges Bittencourt (2015), que teve como objetivo a análise dos discursos de líderes políticos pertencentes à bancada evangélica, frente às políticas educacionais de combate à homofobia. A amostra foi composta de 15 vídeos disponíveis no Youtube, contendo o pronunciamento, a pregação, o debate ou a preleção de três líderes políticos e religiosos sobre as políticas públicas educacionais de combate à homofobia. Foi adotada a análise crítica de discurso. Os resultados identificaram sentimentos de aversão, rejeição e, conseqüentemente, exclusão do grupo LGBT. Emergiram discursos que relacionam o grupo LGBTQIA+ a pessoas desprovidas de caráter, promíscuas, pedófilas e ameaçadoras da ordem social. Os sujeitos da amostra são atravessados por discursos de cunho moral, religioso, pseudocientífico que sustentam a heteronormatividade.

Já a investigação de Alves; Amâncio e Alferes (2008) teve por objetivo identificar e caracterizar os padrões sexuais pré-matrimoniais aos níveis individual e social e analisá-los em função do sexo, religião e posição política numa amostra de 308 estudantes da Universidade de Coimbra, Portugal. Corroborando com os estereótipos de gênero, os resultados indicaram que o grupo apresentou representações discriminativas em relação às mulheres, cujos comportamentos e atitudes são avaliados como desviantes da “normalidade”. O estudo encontrou que jovens católicos/as apresentam menor aceitação de relacionamento sem comprometimento com alguém que já teve um elevado número de parceiros/as sexuais.

O estudo de Rubia (2010), desenvolvido no México com 395 estudantes universitários, teve como objetivo analisar as relações entre religiosidade e sexualidade e homossexualidade, por meio do *Cuestionario de sexualidad para adolescentes y temprana juventud*, que abrange dados demográficos, teste de associação livre de palavras, escalas de atitude sobre sexualidade e questões sobre conduta sexual. Os resultados apontaram que a adesão religiosa é associada à valorização da virgindade, condenação da pornografia, representações negativas da homossexualidade e da masturbação.

Cabe destacar que mesmo investigações com grupos de pessoas com um grau de médio a alto de instrução e uma formação profissional que incentiva a pluralidade, como professoras(es) e psicólogas(os), também encontram representações sociais preconceituosas. Na pesquisa de Gabriela Moita (2006), a homossexualidade é percebida pela maioria dos psicólogos (as) clínicos(as) como um dé-

ficat, resultado de uma falha no processo de identificação ou uma falha narcísica. Há veiculação de preconceitos, como a negação da orientação homoerótica, indicando que a homossexualidade seria “uma fase”.

Conforme fica explicitada na revisão da literatura, as narrativas religiosas, em especial de base cristã conservadora, contribuem para fortalecer estereótipos de gênero, como binarismos, essencialismos, papéis de gênero pré-determinados. Além disso, as representações sociais sobre gênero e sexualidade se repetem em diferentes grupos sociais, origens e etnias, com diferentes faixas etárias, com graus de instrução e perfil socioeconômico variados, indicando o que Moscovici chamou de representações sociais emancipadas e também hegemônicas. Tais elementos se confirmam em nossa pesquisa.

3. O papel das narrativas cristãs na produção de violência discursiva de gênero e sexualidade e as complexas relações entre gênero, religião e educação

Os dois movimentos que serviram de fonte dos discursos para esta pesquisa nasceram na América Latina (Escola Sem Partido no Brasil em 2006 e *Con Mis Hijos No Te Metas* no Peru em 2016) e têm em comum o fato de reivindicarem a retirada do debate de gênero e sexualidade da educação. Ambos adentraram o campo das políticas de educação, sendo que no Brasil o Escola Sem Partido tornou-se projeto de lei nas três esferas (municipal, estadual e federal) e o *Con Mis Hijos No Te Metas* foi capaz de promover a exoneração do ministro da educação peruano em 2017, Jaime Saavedra, além de modificar indicações de livros didáticos e outras ações em distintos países, já que se espalhou rapidamente, marcando presença em Chile, Paraguai, México, Colômbia, Costa Rica, Equador, Argentina, Panamá e até mesmo em alguns países europeus como França e Espanha (Franco; Maranhão, 2020).

A produção discursiva desses movimentos é atravessada por debates que se acirraram nas duas últimas décadas. A década de 1990 foi decisiva nas transformações mundiais sobre as relações entre gênero e religião, o que afetou o campo da educação, em especial a educação sexual, de gênero e de direitos humanos. A partir do que se convencionou chamar terceira onda dos movimentos de gênero, órgãos de alcance global como a Organização das Nações Unidas e Organização Internacional do Trabalho apontaram em documentos oficiais a preocupação com políticas de gênero. A ONU conduziu tais debates nas Conferências de Cairo e Beijim, em 1994 e 1995. Tal

postura promoveu reações dos setores conservadores cristãos, o que teve grande impacto na América Latina, região em que as religiões cristãs formam um grande bloco majoritário de crenças. Mesmo comportando discursos e práticas heterogêneas no interior dos grupos religiosos cristãos, há que se considerar que os setores reacionários têm adentrado o campo político de forma expressiva (Maranhão; Franco, 2019).

Nesse contexto, surge o termo “ideologia de gênero”. Ele está presente pela primeira vez em documentos oficiais eclesiais desde a Conferência Episcopal do Peru realizada em 1998, que trouxe a Nota: “Ideología de género: sus peligros y alcances”, de 1998, cuja confecção foi dirigida por Alzamora Revoredo conforme indicam as investigadoras Sandra Duarte de Souza (2014), Maria José Rosado-Nunes (2014 e 2015) e Rogério Junqueira (2018).

Maranhão Fo e Franco (2019) indicam que a cosmologia religiosa de que os estudos de gênero são uma ideologia que tem como finalidade aniquilar os valores tradicionais de família e sexualidade é baseada em uma “ideologia de gênese”, termo nativo que entende que “Deus criou macho e fêmea”, sendo que a segunda nasceu para ser auxiliar do primeiro. A expressão *ideologia de gênese* tem sido identificada em discursos de pessoas evangélicas e católicas como contraposição à chamada “ideologia de gênero”. O dispositivo da cis-heteronorma, que está apoiado na *ideologia de gênese*, propõe a perspectiva bíblica de criação de macho e fêmea a partir de características pré-definidas, sendo o homem imagem e semelhança de Deus e a mulher sua auxiliar e companheira, criada em condição de complemento em relação ao homem (a que veio da costela).

Essas concepções passam a compor um campo de crenças que entende que o conjunto de características genitais e cromossômicas do nascimento, de alguma forma intervêm para que os homens tenham determinados papéis e as mulheres outros pré-definidos. Desde essa perspectiva, o termo ideologia de gênero serve como sinônimo de estudos que teriam a função de destruir o gênero de nascimento e a família tradicional, a partir da perigosa ideia da pluralidade, que passou a ser vista por alguns setores religiosos conservadores como opositora dos conceitos tradicionais. Um mecanismo de universalização da moral cristã passou a ser levantado como defesa diante do cenário que pareceu ameaçador a estes grupos.

No Brasil, intensos e exaustivos debates de 2010 a 2014, com a forte participação de lideranças religiosas no Congresso, levaram à retirada do termo “gênero” do Plano Nacional de Educação. Nesse contexto, têm

ocorrido movimentos de trazer a educação para o âmbito privado, como a educação domiciliar e movimentos como o Escola Sem Partido e *Con Mis Hijos No Te Metas*, que denotam uma relação de propriedade dos pais e mães com seus filhos e filhas, apartando o Estado da temática de educação sexual e de gênero e deixando de considerar as crianças e adolescentes como seres sociais de direitos.

A retirada do debate de gênero das escolas é um exemplo bastante forte da perspectiva de privatização da educação no campo moral, já que o núcleo familiar assume uma importância estratégica para cuidar de debates que na educação em direitos humanos estariam alimentados pela exposição e convivência com a pluralidade. Ao reservar ao núcleo privado da família o espaço para lidar com tais questões, esvazia-se ou diminuem as possibilidades das crianças e adolescentes consolidarem seus aprendizados práticos relativos ao contato com a diversidade. O silenciamento pode contribuir com a violência.

Foucault (2015) caracteriza de “pedagogização da sexualidade da criança” o processo de controle sobre a sexualidade infantil exercido por vários setores e profissionais de tutela e cuidado, como pais, mães, educadoras(es), psicólogas(os) médicas(os), entre outros(as), que consideram que a sexualidade da criança contém uma semente perigosa que precisa ser controlada e vigiada de perto, evitando que ocorra uma sexualidade “desviada”. O pânico em relação à homossexualidade e transgeneridade leva a um controle sobre como abordar a temática da sexualidade em crianças e adolescentes, o que estaria nas bases de movimentos que exigem a retirada do debate de gênero e sexualidade nas escolas.

A psicanalista Deborah Britzman (1996, p. 79,80) afirmou que na cultura escolar acumulou-se uma crença que partia do pressuposto que a “mera menção da homossexualidade” teria o efeito de “encorajar as práticas homossexuais”, como se houvesse uma finalidade de “recrutar jovens” para a homossexualidade. Britzman (1996) afirma que tal perspectiva é alicerçada na noção de contágio, e, portanto, de patologia.

Entendida como “opção” e não como um traço de personalidade intrínseco aos seres humanos (Neves, et. al., 2015), a homossexualidade é tratada por grupos conservadores como uma “má escolha” ou uma escolha por um “caminho desviante”, responsabilizando os sujeitos por tal desvio, ou ainda, como observa Foucault (2015), quando se aceita como um traço intrínseco e inconsciente, aponta-se como um traço anômalo, doente, anormal e patológico. A patologização de gênero também recai sobre as mulheres, na imagem da histórica, aquela que deixa sua carga emo-

cional “contaminar” a conduta social. Foucault (2015) chama de “histerização do corpo da mulher” tal processo de controle sobre o corpo e a sexualidade femininas, pela via do discurso biológico, médico.

O conservadorismo religioso e político são fatores que aparecem em várias pesquisas como determinantes para crenças negativas em relação a atitudes e vivências de sexualidade e de gênero não tradicionais, associando essas vivências a elementos como promiscuidade sexual, pornografia, abusos sexuais, masturbação. (Alves, et al., 2008; Rubia, 2010). Ao lado dessas representações, observamos também discursos que relacionam o grupo LGBTQIA+ a pessoas desprovidas de caráter, pedófilas e ameaçadoras da ordem social. (De Oliveira, Pereira Alberto e Borges Bittencourt, 2015).

Quando nos propomos a pensar as complexas relações entre vivências não tradicionais de gênero e sexualidade diante de concepções religiosas cristãs, adentramos um terreno repleto de tensões que articulam dimensões da subjetividade. Conforme aponta Tainah Biela Dias (2022), faz-se necessário “perceber o papel do cristianismo ocidental como precursor de dinâmicas que produzem regulações sobre os corpos e, mais especificamente, sobre as expressões da sexualidade e do gênero, corroborando para a legitimação daquilo que denominamos cisheteronormatividade” (Dias, 2022, p. 46).

No volume póstumo da *História da Sexualidade*, Foucault (2020) trabalha o processo de libidinização do sexo, desenvolvido pela teologia moral agostiniana e que desemboca em percepções acerca do corpo, do desejo, do sexo e daquilo a que Foucault chamou de carne (Foucault, 2020). O autor observa que nas teses desenvolvidas por Agostinho, identifica-se que a noção de libido e o desejo sexual seriam consequências de castigo pela queda do paraíso, ou o pecado original. Nesse sentido, os atos sexuais se tornaram marcados nas narrativas cristãs pelo imaginário do mal, apenas revisado quando para fins de procriação após o casamento. E pelo fato de todo ser humano ser gerado pela via sexual, surge uma ambiguidade ligada à culpabilização dos sujeitos em função de sua parte pecaminosa (Foucault, 2020).

A partir do século XVI, com a instalação de uma mentalidade moderna colonial na América Latina atrelada aos processos de catequização, novos elementos discursivos foram incorporados como dispositivos de controle sobre a sexualidade. Nas sociedades latinas marcadas pela predominância da religiosidade cristã, as formas de regulação das sexualidades estiveram atreladas a percepções religiosas desde o início da formação dos países. E depois

do século XVIII, observa-se a apropriação pelos discursos médico-científicos destes dispositivos de controle, que se unem às narrativas religiosas.

Desta forma, não se pode negar o papel central da religião enquanto instituição de poder que produziu e fez produzir discursos de verdade sobre o sexo, (...) Ser sujeito/a/e, na modernidade cristã ocidental, é ser o/a/e sujeito/a/e do sexo e da carga moral que este implica. Os aspectos basilares da culpa e do pecado partem também daquilo que os/as/es sujeitos/as/es fazem no exercício da própria sexualidade e daquilo que sua carne confessa. (Dias, 2022, p. 52).

Maria das Dores Campos Machado (1998) aponta que a moral sexual cristã conservadora encontra forte adesão na instituição familiar. Ela afirma que “na base da tradição sexual cristã encontra-se a associação do sexo com a procriação e a vinculação do desejo e do prazer sexuais com o pecado (Machado, 1998, p. 283-284).

A noção de defesa da família tem se apoiado nesse mecanismo de controlar a função social do sexo, separando as esferas de prazer – considerada pecaminosa – e de procriação – que atende aos princípios cristãos conservadores. Percebemos como argumentos de cunho religioso são potencializados por argumentos de cunho biologizante, na medida em que aspectos biológicos são operacionalizados para justificar percepções sobre formas “corretas” para o exercício da sexualidade: homem com pênis e mulher com vagina. A anatomia justificaria o “encaixe correto” da heterossexualidade. Os discursos religiosos cristãos reacionários têm identificado natureza como o que o divino nos trouxe e cultura como a “mão dos seres humanos” na obra de Deus. Construções culturais, portanto, carregariam ideologicamente a pecha de corromper, desviar e perverter a perfeição da obra original.

Carolina Teles Lemos (2013) aponta que as religiões cristãs têm reforçado e produzido ao longo de sua história naturalizações sobre os papéis de homens e mulheres. Tais perspectivas envolvem narrativas bíblicas que exaltam as mulheres a partir de seu papel de pureza, virgindade, maternidade e cuidado, como o mito da figura de Maria. Lemos (2013) assinala que a construção do patriarcado e suas relações desiguais é apoiada na tradição judaico-cristã, na exaltação da imagem de um Deus-Pai poderoso e um filho homem salvador, heroico, ao passo que às mulheres são reservados os lugares de pecadora e destruidora de moral (Eva) ou virgem, devota e mãe (Maria).

Além disso, diante das reivindicações de grupos LGBTQIA+, ocorre a “endemonização” dos comportamentos destes grupos, interpretados como desvios morais ligados a forças malignas (Machado, 1998), sendo apontados como “comportamentos que necessitam de tratamento psicológico, espiritual ou de punições morais para readequação às normas vigentes de sexo e gênero – a cisheteronormatividade”. (Dias, 2022, p. 54).

Discursos religiosos cristãos conservadores têm sido capazes de mobilizar porcentagem significativa de pessoas na América Latina contemporânea. Isso é possível, pois um ethos religioso ocupa lugar de importância na vida latina. Mas é preciso ressaltar que tanto em relação ao catolicismo quanto às igrejas evangélicas, não devemos ser essencialistas e entendermos os cristianismos como um conjunto homogêneo. Há alas progressistas cristãs, como as igrejas inclusivas, os movimentos Católicas pelo Direito de Decidir, Jesus cura a homofobia, as Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG). Essa pesquisa considerou os discursos religiosos que se expressaram de modo conservador e reacionário.

4. Materiais e métodos

O trabalho tem natureza qualitativa e o tipo de desenho do estudo é descritivo, sendo composto de amostra não aleatória. No campo da Psicologia Social, tal abordagem prioriza a construção e compreensão do significado dos fenômenos, valorizando o processo de pesquisa, e não somente o produto final. Trata-se, portanto, de uma abordagem complexa, que não parte de um pressuposto de neutralidade rígida.

Em especial nos estudos de gênero, é importante destacar que critérios conectados às ciências chamadas de “duras”, como neutralidade, distanciamento entre sujeito/a e objeto, objetividade, têm sido questionados por pesquisadoras como Donna Haraway (1995). Nesse sentido, não nos propusemos a uma perspectiva neutra na pesquisa. Esse trabalho, em termos do fazer científico, busca aproximar-se da perspectiva que Haraway (1995) chama de objetividade situada, que considera que a investigação tem a responsabilidade de trazer visibilidade ao lugar de onde falam os/as sujeitos/as, partilhando os desafios que afetaram o processo, ciente das tensões que envolvem as escolhas de pesquisa.

A investigação trabalhou com 100 (cem) discursos favoráveis e contrários à retirada do debate de gênero e sexualidade da educação, coletados nas páginas oficiais das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram dos movimentos Escola Sem Partido e *Con Mis Hijos No Te*

Metas, além de discursos com conteúdos religiosos também nesse contexto.

Como etapas de pesquisa, estabelecemos os seguintes procedimentos: selecionamos os 100 discursos, dividindo a amostra nas quatro categorias indicadas por Foucault (2015): 1) Psiquiatrização do prazer perverso, 2) Pedagogização da sexualidade da criança, 3) Socialização das condutas de procriação, 4) Histerização do corpo da mulher, considerando em cada uma das quatro categorias cinco discursos favoráveis ao movimento Escola Sem Partido, 5 favoráveis ao movimento *Con Mis Hijos No Te Metas* e 5 contrários de cada (20 discursos de cada categoria, 80 no total). Depois selecionamos 20 discursos com conteúdo religioso, que foram articulados com as quatro primeiras categorias.

Para as análises psicossociais, identificamos cinco grandes campos ligados à análise crítica de discurso: 1) representações sociais, 2) alianças do discurso, 3) estratégias discursivas, 4) vontade de verdade (desejos e intenções do discurso) e 5) temas da educação sexual ligados ao discurso. Finalmente, para fins analíticos, os grupos iniciais foram divididos em três grupos de discursos: 1) apoiadores/as dos movimentos; 2) contrários/as aos movimentos e 3) discursos com conteúdos religiosos.

O critério central de seleção dos discursos foi o posicionamento favorável ou contrário aos debates de gênero e sexualidade na educação, retirados sempre de páginas e referências ligadas aos dois movimentos sociais aqui estudados. Tal seleção considerou os discursos publicados, sem ter tido contato com as pessoas que produziram tais falas.

5. Apresentação dos dados

5.1 Categoria 1: Psiquiatrização do prazer perverso

Essa categoria foi trazida por Foucault (2015) para referir-se a posicionamentos de patologização do grupo LGBTQIA+ em geral. A patologização frequentemente vem acompanhada de discursos médico-biológicos para justificar a argumentação de que homens e mulheres devem ter sua identidade de gênero e sua orientação sexual baseadas na anatomia de nascimento. Outro mecanismo discursivo associado a esta categoria é reforçar os binarismos e os essencialismos de gênero, produzindo normatização. Podemos observar a forte presença de tais elementos entre apoiadores/as dos movimentos de retirada do debate de gênero e sexualidade das escolas. Indicaremos os discursos com numeração não sequencial, pois retiramos exemplos da totalidade dos cem discursos pesquisados.

DISCURSO 2: “Você está falando de DOENÇAS, então qualquer criança da sexta série sabe que é uma má formação. Estamos falando de seres humanos normais sem deficiências físicas e psicológicas. Só existem XX e XY e aberrações como trata a medicina” (DS, Disponível em: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/>, jan.2019).

DISCURSO 6: “El “matrimonio” homosexual si nos afecta negativamente a más del 99% de la población que somos NORMALES, porque busca normalizar la DEPRAVACIÓN HOMOSEXUAL y la PEDOFILIA HOMOSEXUAL en la niñez y las siguientes generaciones quienes sufrirían el ABUSO INFANTIL que van a sufrir, desde el ser obligados a observar “muestras de amor” DEPRAVADO y pornográfico desde temprana edad, pasando por TOCAMIENTOS INDEBIDOS, hasta el ser FORZADOS A TENER RELACIONES SEXUALES CON LOS DEPRAVADOS HOMOSEXUALES. Por eso ¡¡ NO AL ¿”matrimonio”? HOMOSEXUAL!!” (JI, disponível em: <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/>, fev. 2019).

DISCURSO 7: “Existen solo dos sexos biológicos. De ahí que alguien se sienta o se autoperciba de forma diferente es otro tema. Solo existe un caso orgánico en el que una persona nace con ambos sexos, pero eso no lo convierte en una tercera opción, sino en una anomalía de su genética.” (ICA, Disponível em <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/> fevereiro de 2019).

DISCURSO 8: “Muerte a las mamis con bigote y a los papis que orinan sentados...infectan y matan el cerebro de la humanidad” (AC, Disponível em: <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/> fev.2019).

Já dentre os discursos de pessoas contrárias aos movimentos de retirada do debate de gênero e sexualidade das escolas, encontramos mecanismos de exaltar a diversidade e apontar os preconceitos dos outros grupos. Há que se considerar que este grupo de discursos também traz a estratégia de patologizar os discursos adversários.

DISCURSO 12: “Fala sério, seus doentes. Vão chorar seus preconceitos e homofobia em outro lugar. Teus filhos vão conhecer o diferente e aprender a respeitá-lo, SIM! INDEPENDENTE DA VONTADE DE m#### de vocês” (RB, Disponível em: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/posts/660381807446147>, jul. 2016).

DISCURSO 16: “(...) *Quien eres tu para decir que es normal y que no? A caso eres Dios? No verdad? Según tu si afecta dime a ti que te afecta que dos personas del mismo sexo se casen?*” (RH, disponível em: <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/>, ago.2017).

Ainda dentro da categoria de Psiquiatrização do prazer perverso e também utilizando elementos como patologização, biologização e binarismos, podemos destacar a presença de discursos com conteúdos religiosos:

DISCURSO 84: “(...) acredito mais na terra plana do que um traveco castrado se “transforme” em mulher”. (DS, disponível em <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/>, fev.2019.).

DISCURSO 96: “*La creación es perfecta, lastimosamente nuestros hermanos homosexuales van contra natura, mutilan sus genitales, usan tratamientos hormonales (sin estar enfermos) y llevan una sexualidad que atenta contra su propia integridade física. Claro que los entendemos*”. (PB, disponível em: <https://twitter.com/CMHNTM/status/1277430213559885825/photo/1>, jun. 2020).

DISCURSO 94: “*Sigamos firmes en nuestros principios, Dios juzgará a cada uno por sus actos y lo mejor que podemos hacer dentro de todo, es orar, así como Abraham oró para que no se destruya Sodoma y Gomorra, a las finales si ellos siguen con sus desviaciones y perversiones, Dios los juzgará.*” (LBP, disponível em: <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/photos/a.347122862328305/1123816511325599/>, jun. 2020).

Além dos elementos destacados nessa categoria 1, ficou exaltado, em termos de estratégias discursivas, o uso termos estigmatizadores e depreciativos para se referir às vivências não tradicionais de gênero e sexualidade, como podemos observar:

DISCURSO 4: “Normatização para um anormal, não vai dar certo. É motivo para laçação na certa. 🌈🌈🌈” (SR, Disponível em: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/videos/554328502114337>, jun. 2020).

DISCURSO 5: “E pensar que as escolas estão infestadas desse tipo de demente, tarado e mal resolvido sexualmente! E quem paga o pato são nossos filhos!!!” (SB, disponível em: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/videos/554328502114337>, mai. 2020).

A estratégia discursiva de depreciação da visão contrária não é prerrogativa apenas dos grupos apoiadores dos movimentos, ligados ao campo conservador moral. Este mecanismo de comunicação que desqualifica o/a oponente também aparece entre pessoas do campo progressista, que apoiam o debate de gênero.

5.2 Categoria 2: Pedagogização da sexualidade da criança

Essa categoria foi definida por Foucault (2015) como associada a narrativas de controle sobre a sexualidade infantil, que entendem que as crianças precisam de uma vigilância de várias instâncias do mundo adulto para que sua sexualidade seja conduzida para o caminho da cisheteronormatividade. O grupo 1, de discursos apoiadores dos movimentos, nessa categoria tem representações sociais ligadas à identificação dos estudos e pautas de gênero como “ideologia de gênero”, com conotação negativa. Compreende que os/as filhos/as são propriedades dos pais e mães e precisam ser salvos/as dos caminhos perversos, e que a família tradicional deve ser exaltada.

DISCURSO 21: “Se você era um pervertido é um problema seu. Agora não venha querer ditar para filho meu o que ele deve fazer, não. Mato um. Meus filhos, minhas regras” (LO, <http://escolasempartido.org/blog/sem-nocao-e-sem-limite-a-erotizacao-criminosa-da-infancia/>, jun. 2020).

DISCURSO 26: “*La idiología de género es nefasto, unidos por la defensa de la familia y la infancia peruana.*” (YC, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/>, fev. 2019).

DISCURSO 27: “*Al estado, a los periodistas zurdos, a la minoría que quiere adoctrinar, a las feministas, a los desviados a todos les decimos no se metan con nuestros hijos!!!! No van a destruir ni degenerar a la familia que es la base de la sociedad donde se aprenden los valores. Yo digo no a la ideología de género, Si a la familia tradicional*”. (CL, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNOArg/posts/el-aborto-no-es-salud-p%C3%BAblica/2117389111840439/>, fev. 2019).

As temáticas observadas nos discursos de pessoas apoiadoras dos movimentos, acabam por se repetir nos grupos contrários e giram em torno dos mesmos assuntos. O que ocorre no grupo progressista, contrário aos movimentos e apoiador do debate de gênero, é que em geral estes temas são abordados de forma a contra-argumentar, e a defender a educação sexual, com estra-

tégia discursiva que utiliza tom professoral em alguns momentos. As representações sociais giram em torno de família associada à diversidade, estudos de gênero associados a fatores positivos e as crianças como seres portadores de direitos.

DISCURSO 34: “Bem, não vejo problemas nesse tipo de estudo. Gênero é para ser abordado e já há universidades em vários países que tratam do estudo do gênero relacionado ao bullying. Mas infelizmente, aqui nessa página, muitos seguidores não têm ideia do que seja o estudo do gênero e confundem as coisas. É triste ver que não sabem muita coisa e nem procuram se informar.” (RM, disponível em: <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial>, jun. 2020).

DISCURSO 35: “Nas escolas de todas as séries, públicas e particulares, existem muitas situações diferentes da família tradicional. Tem muitos alunos criados sem a presença dos pais. Tem alunos criados pela avó ou pelo avô. Tem filhos adotados. Tem filhos com dois pais ou com duas mães, naturais ou adotados. E tudo dentro da lei. Enfim as famílias não tradicionais existem e não podem ser tornadas invisíveis, criticadas ou jogadas para debaixo dos tapetes, pois as maiores vítimas são as crianças que a estas famílias pertencem. Não é preciso ser militante para aceitar as famílias não tradicionais. Basta ter empatia, compaixão e espírito cristão.” (AS, <http://www.escolasempartido.org/blog/ladainha-sobre-diferentes-modelos-de-familia-esconde-ataque-a-moralidade-crista/>, jun. 2020).

DISCURSO 36: “Señor, los personajes LGBT no van a transmar ni a violar a los niños, quédese tranquilo, ni siquiera los van a “convertir” (RA, <https://twitter.com/CMHNTM/status/1234512793216352257>, mar.2020).

DISCURSO 39: “Y los huérfanos que te viven con sus abuelos? Los niños que viven con sus tíos? La persona que se queda viuda que vive con sus hijos? El hermano mayor de edad que cría a sus hermanos pequeños? Ellos no son una familia por que no esta el papá, la mama y los hijos?” (JJM, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/jul.2020>).

Os discursos com conteúdo religioso também marcaram presença nessa categoria, associados a temáticas similares do grupo 1, que representam os estudos de gênero como ideologia de gênero, de forma negativa e pejorativa e a família associada à moral cristã:

DISCURSO 29: “La familia está compuesta por un papá una mamá y los hijos. Esa es la Verdad que Dios nos da, y aunque muchos han intentado con mentiras distorsionar esa Verdad no lo van a lograr. Con mis hijos no te metas”. (LG, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/posts/1130032504037333jul.2020>).

DISCURSO 85: “Sou professor da educação básica. Sou cristão evangélico, sou de direita, sou capitalista democrático no modelo judaico cristão, sou anticomunismo/socialismo. Respeito a família constituída por DEUS. Não aceito Ideologia de gênero. #SOUBOLSONARO” (DGB, <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/photos/a.346888065462191/1663906410427010>, jul. 2020).

DISCURSO 88: “Mi opinión no importa. lo que importa es lo que Dios dice en su palabra. Y el dejo como base de la sociedad a la Familia. Por supuesto que estoy dispuesto a adoptar a uno de esos pequeños para integrarlo a mi familia. Aquí en México las autoridades tienen filtros estrictos para la adopción. Pero eso de alguna manera protege a estos niños para que personas que no están de acuerdo con Dios se les impida satisfacer sus fantasías de ser padres” (LG, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/posts/1130032504037333>, jul. 2020).

DISCURSO 90: “Eres un resentido adorador de Satanás. Y no es casualidad he visto muchos perfiles de pro LGTIB que son anticristianos y adoradores de don sata. Lo que comprueba que esta ideología es diabólica”. (MMA, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/posts/767032043670716> fev.2019).

5.3 Categoria 3: Socialização das condutas de procriação

Nessa categoria, Foucault (2015) traz o controle social sobre os nascimentos e os corpos, além do controle também sobre a função social do sexo, baseado em seu conceito de biopolítica. No grupo de discursos apoiadores dos dois movimentos encontramos representações sociais muito negativas em relação ao aborto, associando-o a uso de drogas, pedofilia, assassinato, ou como método contraceptivo. Vejamos os exemplos:

DISCURSO 41: “Referência para criança tem que ser um ser humano que exemplifique respeito, amor ao próximo, e não o aborto, uso de drogas, e outros desequilíbrios que estão na moda”. (VV, <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/videos/3346902885333828>, jun. 2020).

DISCURSO 42: “A responsabilidade é nossa! Converse com seu filho, informe-se, leia e questiona-se! Estão

tentando roubar nossas crianças através de pautas tão malignas: a pedofilia e o aborto!!!“ (MPESP, <https://www.facebook.com/maespeloescalasempartido/posts/2691518241137324>, ago. 2020).

DISCURSO 48: “(...) *las adoctrinan diciéndoles que no es un bebé, que sólo es un conjunto de células!! Y es lo que harán aquí en la Argentina, lo usarán como método anticonceptivo. Pero en un tiempo quisiera ver qué es lo que pedirán las de pañuelitos verdes cuando se disparen las enfermedades como HIV !!!*” (MAP, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNOArg/posts/el-aborto-no-es-salud-p%C3%BAblica/2117389111840439/>, fev. 2019).

Como pudemos observar, quase a totalidade do grupo de apoiadores/as dos movimentos condena de maneira bastante enfática o aborto e utiliza estratégias discursivas por vezes em tom agressivo. Já no grupo das pessoas favoráveis ao debate de gênero nas escolas e contrárias aos dois movimentos, o discurso e as representações caminham por outras direções, com foco no sofrimento da mulher ou da criança grávida e seus direitos, e também com ênfase em denunciar os discursos de controle sobre o corpo da mulher.

DISCURSO 53: “Um movimento misógino e hipócrita que não está nem aí para as vidas, que só se importam mesmo em controlar o corpo das mulheres”. (PCESP, <https://www.facebook.com/contraoescolasempartido/photos/a.1501216993503945/2622476121378021/> mar. 2021).

DISCURSO 56: “*La ONU y la OMS decretaron el aborto como derecho humano, reproductivo/sexual. xD*” (VD, <https://www.instagram.com/conmishijosnotemetas/?hl=pt-br>, nov. 2020).

Na categoria 3, temos um discurso com conteúdo religioso que acompanha o grupo de discursos apoiadores dos movimentos, que representa o aborto como assassinato, mas acrescentando a ideia de “assassinato de seres de Deus”.

DISCURSO 95: “*El asesinato de seres de Dios traídos para dar luz, son acuchillados y descuartizados. (...)*” (4L, <https://twitter.com/CMHNTM/status/1234171467278974977>, mar. 2020).

5.4 Categoria 4: Histerização do corpo da mulher

Essa categoria Foucault (2015) utilizou para abordar a produção social de narrativas de controle sobre a sexua-

lidade e o corpo da mulher, que sofre com processos de fetichização e objetificação, tornando-se identificada com a maternidade ou, por outro lado, condenada socialmente a partir de sua sexualidade. A “histerização” das mulheres também envolve considerá-las emocionalmente instáveis, “loucas” e “desequilibradas”.

Nessa categoria, não foram coletados discursos com conteúdos religiosos. No grupo 1, de discursos apoiadores dos movimentos, observamos discursos de ódio ao feminismo, colocando as mulheres como culpadas pela violência que sofrem e as mulheres feministas como não femininas. Também se observa associação do feminismo com nazismo (feminazi).

DISCURSO 61: “Nunca fui preconceituosa, mas to pegando um nojo enorme por gays, feminista e todo o resto desta corja nojenta.” (MFC, <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/posts/875183329299326>, abr. 2021).

DISCURSO 67: “*Realmente son ellas mismas la que denigran su “lucha”...Históricamente las mujeres lograron muchas cosas con esfuerzo y inteligencia todo lo contrario al feminismo moderno que utiliza el victimismo para destruir y imponer lo que ellas quieren.*” (MF95, <https://twitter.com/conmishijosnoa>, fev. 2019.).

DISCURSO 68: “*#FeminismoEsCancer*”. (@CMHNTM, <http://mobile.twitter.com/CMHNTM>, fev. 2019.)

Já o grupo de pessoas contrárias aos dois movimentos, que apoiam o debate de gênero e sexualidade nas escolas apresentou representações sociais que defendem os direitos das mulheres e suas lutas, além da autonomia das mulheres sobre seus corpos e suas vidas. Também é defendida a educação sexual como forma de conscientização social sobre abusos.

DISCURSO 73: “Isso sim é ideologia de gênero! Ensinar meninas que a culpa do assédio é delas e ensinar meninos que eles podem tudo. Ensinar que meninas e meninos são iguais em direitos e que as meninas nunca deverão se calar diante de abuso não é “ideologia de gênero”, é educação em direitos humanos.” (Professores contra Escola Sem Partido, <https://www.facebook.com/contraoescolasempartido>, jun. 2021).

DISCURSO 74: “Eu só entendi que havia sido abusada quando comecei a estudar direito penal na Faculdade de Direito” (MF, <https://www.facebook.com/contraoescolasempartido>, nov. 2021)

DISCURSO 77: “*Según lo que hablas la mujer tiene que obedecer ciegamente al marido y quedarse con el así le pegue le saque la vuelta o lo que el quiera porque están unidos hasta que la muerte los separe; por favor se realista, el mundo cambió*” (JJM, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/posts/1130032504037333>, jul. 2020).

5.5 Categoria 5: Discursos com conteúdos religiosos

Definimos conteúdos religiosos discursivos como qualquer menção a entidades, divindades, a livros sagrados e também a conceitos atrelados a universos religiosos, como a noção de pecado, entre outras. Embora já tenhamos apresentado vários discursos religiosos nas outras categorias, destacaremos alguns elementos nesse item. Identificamos a vontade de verdade (que se refere a desejos e intenções do discurso) de consolidar uma moral cristã como a base da educação sexual e de gênero, e a Bíblia como guia moral ou a palavra que orienta o caminho certo, como podemos ver nos discursos coletados:

DISCURSO 81: “Ainda bem que o meu filho não estuda num lixo de uma escola pública, onde o estado é quem determina a formação das crianças. Onde ideologias nefastas têm um plano diabólico para destruir mentes inocentes. Graças a Deus, o Senhor me deu condições de dar uma educação cristã ao meu filho. Na Escola Adventista de Icoaraci sou tranquila, pois sei que lá, essa ideologia do capeta não entra!” (LD, <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/photos/a.346888065462191/1688691237948527/>, jun.2020)

DISCURSO 87: “Exijam já aula obrigatória de religião/ de educação moral/ social e cívica desde o berçário/ só contratem educadores Éticos e de Respeito às Leis Sagradas” (DB, <https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/>, jun. 2020).

DISCURSO 93: “*Los grupos de izquierda, liberales, y anarquistas, tienen algo en comun, odian el orden y los diseños de DIOS. Remanente de chile no te rindas, ustedes son la sal y la luz de la cual El Eterno Señor de las sagradas escrituras se agrada..Ustedes son los fieles que en las calles comunican la verdad a una sociedad Ciega y entenebrecida..DIOS bendiga a su iglesia en chile.*” (ER, <https://www.facebook.com/ConMisHijosNoTeMetasOficial/videos/699003850482558>, out. 2018).

DISCURSO 98: “*La Biblia habla de estos tiempos, nosotros nunca aceptaremos que opciones sexuales sean normalizadas. Dios lo dijo y así es.*” (GM, <https://twitter.com/CMHNTM/status/1277430213559885825/photo/1>, jun. 2020).

6. Resultados e Discussão

Em comparação ao Estado da Arte apresentado, observamos que os mesmos padrões se repetem em diferentes países, em termos de estereótipos de gênero, binarismos e representações sociais que patologizam a diversidade sexual e de gênero e que desvalorizam as mulheres. Além disso, os estudos pesquisados também indicaram que conservadorismo religioso está associado a representações sociais mais negativas em relação à diversidade sexual. Na linguagem de Moscovici (1998), estamos diante de representações sociais emancipadas e também hegemônicas, já que além de serem compartilhadas por grupos diferentes que estão em contato pela via da internet, também se repetem dentro de um mesmo grupo como um mesmo padrão de pensamento.

Dentre as grandes narrativas sociais de controle sobre sexualidade, a mais presente no grupo 1, de pessoas adeptas aos dois movimentos estudados, que exigem a retirada do debate de gênero da educação, é a psiquiatrização do prazer perverso. Foi percebida na amostra uma alta incidência de patologização do grupo LGBTQIA+, por meio de representações que associam este grupo a características como perversão, anormalidade, doença mental, anomalia, distúrbio, depravação moral, desequilíbrio mental, pedofilia.

Observamos que a normatização de gênero e sexualidade, junto com os binarismos de gênero são elementos fortemente presentes no grupo de pessoas apoiadoras dos movimentos, o que sugere representações sociais de divisão tradicional de papéis de gênero e de divisão entre homens e mulheres baseada em aspectos biológicos ou sexuais. A visão biologizante se pauta pela perspectiva da cisheteronorma, que orienta o comportamento a partir dos órgãos genitais de nascimento, indicando como meninos e meninas devem se comportar.

Tal confronto leva este grupo de discursos apoiadores dos dois movimentos ao pensamento de que existe uma “ideologia nefasta” – a ideologia de gênero – voltada à destruição da família tradicional, quando, na verdade, os estudos de gênero, bem como as reivindicações advindas de grupos que têm sofrido exclusões e violências de gênero clamam por equidade de condições. O debate da ideologia de gênero está ligado à categoria chamada por Foucault (2015) de “pedagogização da sexualidade da criança”.

Outra categoria presente entre pessoas apoiadoras dos movimentos Escola Sem Partido e *Con Mis Hijos No Te Metas* são as representações sociais negativas sobre a descriminalização do aborto, que podem ser associadas à narrativa que Michel Foucault (2015) chamou de “so-

cialização das condutas de procriação”. Com a mesma quantidade de discursos negativos em relação ao aborto, apareceram também as representações sociais do feminismo como negativo, seja ligado a doenças como câncer, pragas, à promiscuidade, ou à ideia de que o feminismo destrói conquistas históricas das mulheres. As mulheres feministas foram reconhecidas como “não femininas” e responsabilizadas pela violência que elas mesmas sofrem. A estigmatização do movimento feminista está ligada à categoria que Foucault (2015) chamou de “histerização do corpo da mulher”.

Já no grupo 2, que defende o debate de gênero e sexualidade na educação, a perspectiva da diversidade é defendida como um fator positivo da vida em coletividade. Este grupo percebe os discursos conservadores como preconceituosos e entende que o Estado não tem direito de decidir sobre o aborto, nem sobre o casamento homoafetivo, visto como fruto de escolhas individuais. A patologização do posicionamento contrário, ou seja, de pessoas adeptas aos dois movimentos, também ocorreu. Isto indica que a visão de que a outra ponta do debate tem algum desvio mental ou alguma anomalia está presente dos dois lados.

As representações sociais do grupo 3, dos discursos com conteúdo religioso, envolveram forte moralização de gênero e sexualidade. Nesse caso, os conteúdos religiosos incidem diretamente sobre esta moralidade, oferecendo as bases de uma educação moral religiosa que orienta os debates sobre gênero e sexualidade. A normatização de gênero se apoiou nos binarismos, na biologização, em referências religiosas, na Bíblia, livros sagrados e na palavra do Deus judaico-cristão onipotente que aponta para um determinado conjunto de valores morais tradicionais. Observou-se representações sociais que identificaram pessoas que defendem a diversidade sexual como associada ao Demônio. Assim como no grupo de adeptos/as dos movimentos, os discursos com conteúdo religioso estigmatizaram o aborto e identificam os estudos de gênero como ideologia.

Algo que chama atenção quando comparamos os três grupos são as estratégias discursivas. Tanto dentre os discursos favoráveis aos movimentos de retirada do debate de gênero e sexualidade das escolas (grupo 1), contrários a estes movimentos (grupo 2) e com conteúdo religioso (grupo 3), as estratégias de discurso por vezes acabam sendo similares, em especial no uso de violência epistêmica para legitimar o próprio discurso e deslegitimar os discursos com posicionamentos diferentes. As estratégias de convencimento passaram por caminhos sociais e

cognitivos similares. A violência discursiva manifesta-se sob variadas formas: ofensas, palavras de baixo calão, desqualificação do ponto de vista diferente.

Já em relação às alianças e exclusões estabelecidas nos discursos, no grupo de apoiadores/as dos movimentos, o saber médico apoiou os argumentos biologizantes sobre gênero e sexualidade, constituindo-se uma aliança entre saber e poder. Este grupo promoveu claras exclusões nos discursos ao grupo LGBTQIA+. Como era esperado, a principal aliança que apareceu nos discursos do grupo contrário aos dois movimentos é com a diversidade. Alianças com movimentos pró-aborto e feministas foram identificadas. Como também era esperado, o grupo 3, com conteúdos religiosos, estabeleceu alianças discursivas com a comunidade cristã, excluindo pessoas que se desviam das normas bíblicas. A maioria do grupo de discursos com conteúdo religioso é apoiadora dos movimentos estudados.

A vontade de verdade expressa os desejos e intenções do discurso. Identificamos que entre o grupo de discursos apoiadores dos dois movimentos, o desejo de excluir vivências LGBTQIA+ ou não tradicionais de gênero e sexualidade é evidente, assim como também se destacou a vontade de produzir normatização de gênero e sexualidade a partir da cisheteronorma, ou a ideia de que deve existir uma norma sobre gênero e sexualidade pautada no sexo biológico de nascimento e em relacionamentos apenas com “sexo oposto”. A vontade de verdade do grupo de discursos apoiadores dos movimentos expressou fortemente a intenção de patologização do grupo LGBTQIA+ de forma geral. Além disso, o desejo de classificar os estudos de gênero como ideologia também apareceu no grupo.

Já no grupo 2, de discursos contrários aos movimentos, os principais desejos e intenções foram produzir inclusão para o grupo LGBTQIA+ e valorizar a perspectiva da pluralidade e da diversidade. Este grupo defendeu o direito dos alunos e alunas de ter acesso à educação sexual, promoveu a aceitação do casamento homoafetivo, os direitos das mulheres sobre seus corpos, o direito ao aborto e o direito de as crianças serem compreendidas não como propriedade de seus pais e mães, mas como seres de direitos. Também identificamos o desejo de patologizar os discursos do grupo com pensamento diferente.

No grupo com discursos com conteúdos religiosos, a principal intenção foi de produzir moralização do debate de gênero e sexualidade, com base nos princípios cristãos e bíblicos. O desejo de consolidar uma educação moral cristã que se torne a base para lidar com gênero

e sexualidade é algo fortemente presente, junto com a intenção de demonizar defensores/as da diversidade. Essas premissas indicam o desejo de excluir vivências não tradicionais de gênero e sexualidade, e produzir e reforçar o conceito de família tradicional. A Bíblia apareceu como uma referência para a conduta moral, sexual e de gênero.

Dentre os temas da educação sexual que mais apareceram nos três grupos, a questão da identidade de gênero e da orientação sexual foi a mais presente. Talvez isso possa indicar que a questão da diversidade e das subjetividades LGBTQIA+, que desafiam a estabilidade das normatizações binárias de gênero e sexualidade, é o que mais incomoda e aciona os estados emocionais reativos e perturbados. Além do tema da diversidade, o aborto e o feminismo também se destacaram como temáticas, demonstrando o quão atuais são as narrativas sociais de controle sobre a sexualidade Foucault (2015) pensou como grandes

Considerações finais

Conforme apontamos na discussão, nossa posição como investigadora não foi neutra, pois partimos de uma perspectiva crítica para a construção do fazer científico. Nossa posição ideológica não esteve oculta e tendeu a um dos lados do debate, no caso, o que defende os debates sobre gênero e sexualidade nas escolas, porque compreendemos que tal posicionamento alinha-se a uma perspectiva de diversidade, de defesa dos direitos humanos e que a educação sexual é necessária para a promoção de consciência e autonomia sobre os corpos e as relações. Estas premissas estão apoiadas em pesquisas aqui indicadas e não são apenas valores pessoais. Apesar disso, não nos esquivamos de reconhecer também no campo progressista estratégias discursivas violentas, que apareceram na investigação, assim como o campo conservador tem feito.

Além desta questão, reconhecemos que não nos debruçamos profundamente sobre as diferenças entre os discursos nos diferentes países. Por conta de uma homogeneização e uma globalização massificadora do conhecimento produzida pelos meios da internet, o movimento *Con Mis Hijos No Te Metas* nos diversos países em que se manifesta tem mostrado discursos muito similares. Ocorreu também com o Escola Sem Partido, do Brasil. Algumas perspectivas futuras de pesquisa se abrem, sendo uma delas a investigação mais atenta ligada às diferenças e especificidades discursivas entre os diversos grupos culturais que participam dos dois movimentos. Além disso, a extensão de alcance destes movimentos

para o contexto europeu também pode ser um campo importante de pesquisa, já que movimentos nascidos na América Latina têm se expandido.

Os intercâmbios com a questão religiosa também acabam por desembocar em questões similares ao redor do mundo em populações diversas. Esse padrão merece novas investigações em sociedades não cristãs e também em investigações com outras técnicas associadas à teoria das representações sociais. Esta pesquisa apontou caminhos para aproximar as teorias das representações sociais da análise crítica de discurso, o que esperamos que se torne uma junção teórico-metodológica mais frequente nas investigações.

Para nosso debate, importa destacar que o diálogo sobre sexualidade e gênero em espaços escolares e acadêmicos não se refere à “ideologia de gênero”, mas sim à busca por igualdade e equidade de gênero, o que implica amenizar as gritantes assimetrias entre homem e mulher; entre pessoa cisgênera e pessoa transgênera; entre pessoa binária e pessoa não-binária; entre pessoa hétero e pessoa não-hétero. Isto não tem como objetivo anular as diferenças entre as pessoas, mas garantir que as diferenças não desembocuem em desigualdade, violência e opressão.

Por estas e outras razões é urgente que Projetos de Lei de Educação encarem temas como discriminação, violências e intolerâncias de gênero relacionadas a motivações religiosas ou não; e que as políticas de educação sexual possam investir em uma escola crítica e que gere condições para que crianças e adolescentes desenvolvam autonomia de pensamento. Conforme observa Michel Foucault (1996, p. 144): “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. É preciso observar o caminho da apropriação dos discursos em âmbito escolar, de modo que se possa introduzir relações mais equânimes.

Referências

- Alves, M. P., Amâncio, L., & Alferes, V. R. (2008). Gênero e representações sociais: duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia*, 22(2), 139-160.
- Arruda, A. (2002). As representações sociais: desafios de pesquisa. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDIJFSC, Especial Temática, p.09-23.
- Berger, D.; Khzami, S E; Jourdan, D; Bernard, S.; Carvalho, G. (2008). Sex education: teachers' and future teachers' conceptions and social representations; what relevance for teachers' training?. *Colloque international du CREAD : Efficacité et équité en éducation*, Rennes, France.
- Britzman, D. P. (1996). O que é esta coisa chamada amor?: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, 21(1), p. 71-96.
- De Oliveira, C. E., Pereira Alberto, M. de F. & Borges Bittencourt, N. de F. (2015). Tensões e contradições nos discursos políticos sobre o combate à homofobia no contexto da escola brasileira. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14 (2).

- Dias, T. B. (2022). *Um “lugar para ser”: reconstruções indetetárias de pessoas LGBTQIA+ cristãs nas Igrejas da Comunidade Metropolitana*. Tese de Doutorado (Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. 3. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2015). *História da Sexualidade - A vontade de saber*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Foucault, M. (2016). *A Arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, Michel. (2020). *História da Sexualidade IV: as confissões da carne*. São Paulo: Paz e Terra.
- Franco, C. D.; Maranhão F^o, E. M. de A. (2020). Não metam gênero na nossa religião! Educação em disputa nos movimentos “Escola sem partido” e “Con mis hijos no te metas”. *Revista Rever*. V. 20, n. 2.
- Haraway, D. (1995). Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e -o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), pp. 07-41.
- Irineu, L. M (2019). Abordagem discursiva das representações sociais: sistematização de um construto teórico-metodológico. *Diversidade Linguística, Ensino e Aprendizagem: Experiências e Desafios*. v. 3 n. 1.
- Jodelet, D. (Org.). (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ.
- Lemos, C. T. (2013). Religião e Patriarcado: Elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Caminhos*. 11(2), 201-217.
- Machado, M. das D. C. (1998). Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de Aids: notas de uma pesquisa. *Cadernos Pagu*, v. 11, p. 275-301.
- Maranhão Fo., E. M. de A.; Franco, C. D. (2019). “Menino veste azul e menina, rosa” na Educação Domiciliar de Damares Alves: As ideologias de gênero e de gênese da “ministra terrivelmente cristã” dos Direitos Humanos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Vol. 12, série 35, p. 297-337.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. (2007). *O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10 ed. São Paulo: Hucitec.
- Moita, G. (2006). A patologização da diversidade sexual: Homofobia no discurso de clínicos. *Estudos queer: Identidades, contextos e ação coletiva*, no. 76, 2006, p. 53-72.
- Moscovici, S. (1979). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- Moscovici, S. (2006). *La psicología de las minorías activas revisitada*. POLIS, 2 (1), 141-177.
- Neves, A. L. M. das; et. al. (2015). Representações sociais de professores sobre diversidade sexual em uma escola paraense. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. v. 19, N. 2, 261-269.
- Rubia, J. M. de la. (2010). Religión, significados y actitudes hacia la sexualidad: un enfoque psicossocial. *Revista Colombiana de Psicología*, vol. 19. N. 1, p. 45-59.
- Valentim, R. P. F. (2018). Psicologia Discursiva e Análise Crítica do Discurso: alinhando discurso na Psicologia Social Contemporânea. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo (SP), v.6, n.11, p. 212-226, ago.
- Van Dijk, T. (2008). Critical Discourses analyses. In: Schiffrin, D., Tanner, D.; Hamilton, H. *Handbook of Discourse Analyses*. 2. ed. New Jersey: Blackwell Publishers.

Submetido em: 7-3-2023

Aceito em: 4-9-2023